



FORMAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA NA MODALIDADE EAD: O ENSINO DE LIBRAS E CULTURA SURDA

TRAINING COURSES IN DISTANCE EDUCATION MODE FOR PUBLIC SERVANTS OF INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA: BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND DEAF CULTURE TEACHING

Gabriele Vieira Neves (Instituto Federal de Santa Catarina - e-mail: gabriele.neves@ifsc.edu.br)

Saulo Zulmar Vieira (Instituto Federal de Santa Catarina - e-mail: saulo.vieira@ifsc.edu.br).

Fabrizio Mähler Ramos (Instituto Federal de Santa Catarina - e-mail: fabrizio.ramos@ifsc.edu.br)

Ana Paula Jung (Instituto Federal de Santa Catarina - e-mail: ana.jung@ifsc.edu.br).

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de uso dos recursos tecnológicos e pedagógicos da modalidade EaD na oferta de cursos de capacitação na área de Libras e Cultura Surda para servidores públicos federais. Utilizou-se como contexto de análise da aplicabilidade da modalidade EaD no ensino de Libras o curso ofertado pelo Campus Palhoça Bilingue do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), intitulado “Introdução à Libras e à Cultura Surda”. Inicialmente foi explicitado o contexto de produção e implementação do curso de Libras EaD com uma breve descrição das características da instituição proponente e da legislação que subsidiou a construção da proposta do curso. Em seguida, apresentou-se a discussão teórico-metodológica que sustenta a proposta pedagógica do curso e as estratégias utilizadas para ensinar Libras, tendo como base os constructos teóricos de três campos de saber: os Estudos Surdos, os estudos sobre o ensino de segunda língua (L2) e os fundamentos da educação a distância. Por fim, no item 4, discutiu-se os desafios metodológicos enfrentados na operacionalização do curso e os resultados obtidos em termos aprendizagem dos estudantes. Como possíveis resultados apontou-se que, o final do processo, ficou clara a viabilidade da oferta de cursos de Libras e Cultura Surda na modalidade EaD para melhorar a qualidade do atendimento aos estudantes e servidores públicos do IFSC. Também se constatou que a abordagem comunicativa mostrou-se como a alternativa mais eficiente pois, além de dar conta do ensino da língua focalizado nas necessidades comunicativas do cotidiano dos servidores públicos do IFSC, possibilitou a desconstrução de estereótipos e mitos sobre as línguas de sinais e a Culturas Surda.

Palavras-chave: Ensino de Libras, Cultura Surda, Acessibilidade, Instituto Federal de Educação.





Abstract:

This study aims to reflect on the possibility of using technological and pedagogical resources of distance education mode for training courses in Libras and Deaf Culture for federal public servants. It was used as an analytical context of the application of distance education mode in Libras teaching the course offered by the Campus Palhoça Bilingue of Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), entitled "Introduction to Libras and Deaf Culture". Initially it was explained the context of production and implementation of the Libras course with a brief description of the characteristics of the proposing and legislation that subsidized the construction of the proposed course. Then introduced to theoretical and methodological discussion that supports the pedagogical proposal of the course and the strategies used to teach Libras, based on the theoretical constructs of three areas of knowledge: the Deaf Studies, the studies on second language teaching (L2) and the methodology of distance education. Finally, in Section 4, it was discussed the methodological challenges faced in the implementation of the course and the results in terms of student learning. As possible results it was pointed out the viability of offering Libras courses and Deaf Culture in distance education mode to improve the quality of care to students and public servants of IFSC. It was also found out that the communicative approach has proved to be the most efficient alternative, because it is focused on communicative needs of IFSC workers' daily life, in addition to enable the deconstruction of stereotypes and myths about sign language and Deaf Culture.

Keywords: Sign Language teaching - Deaf Culture - Accessibility - Federal Institute of Education.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os movimentos de pessoas surdas por direitos de cidadania vem alcançando grandes êxitos. Prova disso são os avanços nas legislações que promovem e garantem a inclusão social, a acessibilidade e os direitos humanos das chamadas “pessoas com deficiência”. No Brasil, desde 2005, a partir da publicação do Decreto de Nº 5626/2005, ficou definido, entre outras medidas, que o poder público tem a obrigação de promover e divulgar o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como ofertar o atendimento específico necessário e de qualidade aos usuários desta língua. Diante desta demanda legal, as diversas instituições públicas federais de educação vem procurando formas de colocar em prática as prerrogativas legais, dentre as quais surge a urgência em capacitar seus servidores por meio de cursos e outras formações na área de Libras, visto que, para além da obrigatoriedade imposta pela legislação também se observa um maior trânsito de pessoas surdas nos variados campos de atuação destas instituições.

Neste sentido, a oferta de cursos de Libras na modalidade a distância pode ser vista como uma oportunidade de alcançar um número ainda maior de servidores públicos, que por diversas razões teriam dificuldades de frequentar um curso presencial. O presente estudo tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de uso dos recursos tecnológicos e pedagógicos da modalidade EaD na oferta de cursos de capacitação na área de Libras e





Cultura Surda para servidores públicos federais. Utilizou-se como contexto de análise da aplicabilidade da modalidade EaD no ensino de Libras o curso ofertado pelo Campus Palhoça Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), intitulado *Introdução à Libras e à Cultura Surda*.

No item 2 do artigo, será explicitado o contexto de produção e implementação do curso de Libras EaD com uma breve descrição das características da instituição proponente e da legislação que subsidiou a construção da proposta do curso. No item 3, apresenta-se a discussão teórico-metodológica que sustenta a proposta pedagógica do curso e as estratégias utilizadas para ensinar Libras, tendo como base os constructos teóricos de três campos de saber: os Estudos Surdos, os estudos sobre o ensino de segunda língua (L2) e os fundamentos da educação a distância. Por fim, no item 4 discute-se os desafios metodológicos enfrentados na operacionalização do curso e os resultados obtidos em termos aprendizagem dos estudantes, tendo em seguida as considerações finais.

2. Contexto de produção e implementação do curso

Antes de dar início às discussões sobre o ensino de Libras na modalidade EaD, será feita uma breve contextualização das condições de produção e implementação do curso de *Introdução à Libras e à Cultura Surda* para servidores públicos do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Após esta breve contextualização, faremos um apanhado geral sobre a legislação brasileira de acessibilidade para pessoas surdas, as quais justificam a oferta de um curso deste natureza.

O IFSC – é uma instituição pública federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC). Tem como missão promover a inclusão e formar cidadãos, por meio da educação profissional, científica e tecnológica, gerando, difundindo e aplicando conhecimento e inovação, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e cultural. Seus valores estão pautados na ética, no compromisso social, na equidade, na democracia, na sustentabilidade e na qualidade.

Nesta perspectiva de promover o desenvolvimento social e a equidade, o IFSC possui um campus denominado “Campus Palhoça Bilíngue”. Este Campus foi inaugurado no dia 5 de dezembro de 2012 e se constitui como “o primeiro Campus Bilíngue - Libras/Português do Brasil. O site do Campus aponta que o IFSC Palhoça Bilíngue “traz para o cenário brasileiro uma política de ensino, pesquisa e extensão que busca viabilizar uma efetiva interação entre surdos e ouvintes no campo educacional e profissional. A criação do Campus tem por base o histórico do sistema IF-SC junto às comunidades surdas brasileira, a profissionais e pesquisadores nacionais e internacionais que trabalham nesta área.” A proposta do campus é promover a inclusão e formar cidadãos, por meio da educação profissional, científica e tecnológica.

A Libras foi reconhecida como língua oficial do Brasil em 2002, com a lei 10.436/2002, que no artigo primeiro a define como “meio legal de comunicação e expressão” e entendida como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. (10.436/2002, art. 1º). Ainda na lei 10.436/2002, fica demarcada a responsabilidade do poder público de





garantir a acessibilidade às pessoas surdas por meio do uso da Libras nos diferentes espaços de atendimento e o uso e difusão da Libras (artigos 2º e 3º). A regulamentação da lei 10.426/2002, ocorreu apenas em 2005, com o decreto 5626/2005. Entre outras questões, o decreto promove o uso e a difusão da Libras no sistema público, incentivando servidores públicos a utilizarem a língua de sinais para reverter problema da comunicação nos órgãos públicos. No capítulo VIII fica definido o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da Libras.

Neste mesmo decreto, no artigo 26 é definido que “as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa” e que “as instituições de que trata o caput devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

Tendo em vista estes objetivos e as demandas da legislação brasileira sobre acessibilidade para surdos, o Campus Palhoça Bilíngue propôs a criação de um curso voltado para os servidores que atuam no atendimento ao público. Para que o curso tivesse uma maior abrangência optou-se por ofertá-lo na modalidade a distância. Seu título ficou como Introdução à Libras e à Cultura Surda, porque não objetiva apenas o ensino da língua de sinais, mas também os aspectos relacionados à comunidade que a produz, que, no caso é a comunidade surda.

2.1 Proposta pedagógica do curso

O objetivo geral do curso de Introdução à Libras e à Cultura Surda é proporcionar aos servidores habilidades de comunicação em Libras no âmbito escolar. Como objetivos específicos, foram delimitados dois aspectos: proporcionar melhor conhecimento das características culturais e linguísticas dos surdos usuários da Libras e desenvolver habilidades de comunicação em Libras em situações do cotidiano escolar. Desta forma, o curso visa a contribuir para o aprimoramento do atendimento educacional de alunos e servidores surdos no Instituto Federal de Santa Catarina.

Em seu projeto pedagógico estão previstas duas unidades curriculares: a primeira intitulada “Surdos: Cultura, História e Educação” e a segunda denominada “Características da Língua Brasileira de Sinais e situações comunicativas no cotidiano Escolar”.

Na disciplina 1 estão previstos os seguintes temas: As diferentes perspectivas em relação ao sujeito Surdo; as construções conceituais de diferença e deficiência; cultura e identidades surdas: valores e particularidades culturais; os Surdos no mundo; filosofias educacionais para surdos; a aquisição da linguagem pelos surdos; características do português para surdos; legislações referentes à língua de sinais e à Educação Bilíngue.

Na disciplina os temas previstos são: características que definem a Libras como Língua; as diferentes Línguas de Sinais; os parâmetros linguísticos da Libras; o uso da datilologia; as variações linguísticas; atendendo um aluno surdo: a importância do olhar e do controle motor na sinalização em Libras. Fazendo perguntas em Libras: as expressões não manuais e a ordem das frases; dando informações em Libras: tipos de Classificadores e uso do espaço e dos pronomes; vocabulário contextualizado para recepção e atendimento no





ambiente escolar. As duas disciplinas, mais uma unidade introdutória de ambientação ao Moodle totalizaram oitenta horas-aula.

3. Operacionalização do Curso: proposta teórico-metodológica

A construção e a implementação do curso de Introdução à Libras e à Cultura Surda basearam-se na interlocução de diferentes campos de saber, tais como, os Estudos Surdos, o ensino de segunda língua e os pressupostos teórico-metodológicos da educação a distância. Nas próximas sessões veremos com detalhes como estes campos de saber dialogaram entre si para o funcionamento do curso.

3.1 O Campo de Saber dos Estudos Surdos e a Língua de Sinais.

Conforme mencionando anteriormente, o curso de Introdução à Libras e à Cultura surda objetiva trabalhar muito além dos conhecimentos práticos da língua de sinais. Busca aprofundar-se também nas questões culturais que permeiam o aprendizado de uma segunda língua e as especificidades de sua comunidade nativa. Diferentemente do aprendizado sobre outras culturas, o trabalho com a chamada Cultura Surda envolve também um sensibilização do público para necessidade repensar conceitos historicamente construídos sobre a deficiência e normalidade.

Refletir sobre os grupos sociais nomeados como deficientes é, antes de tudo, estudar sobre as relações que se estabelecem com a alteridade daquele que não está na medida das expectativas e das normas daquele que o olha. É falar sobre a história daqueles que despertam, segundo Skliar (2003, p. 152), um certo temor da incompletude, da imperfeição e que, por isso mesmo, impulsionam uma certa vontade de completá-los, de torná-los perfeitos, de corrigi-los, de normalizá-los. Pensar então, numa outra forma de olhar para essa alteridade produzida sob o estigma da anormalidade, que não seja mais uma forma de nomeá-lo, de colonizá-lo, seria pensar a partir de uma inversão epistemológica, que se volta do problema do anormal para o problema da normalidade e sua historicidade.

É a partir dessa inversão epistemológica, da problematização da normalidade que emergem os chamados *Estudos Surdos*, conjunto de pesquisas na área da surdez, o qual que agrega pesquisadores surdos e ouvintes, e cuja principal característica que os diferencia das demais pesquisas é a ideia de perceber a surdez como uma diferença. Seus objetivos de pesquisa não visavam mais a dizer quem são os surdos, como eles devem desenvolver sua identidade ou como são seus processos cognitivos, mas compreender a surdez como uma diferença, que cria identidades e coesão de um grupo, e que, ao mesmo tempo, situa esse grupo dentro de determinados discursos, que fazem com que seus membros sejam percebidos e narrados de diferentes maneiras. (LOPES, 2007, p. 24).

Segundo Lopes (2007, p. 24), a expressão *Estudos Surdos* é originária da tradução do termo *Deaf Studies*, realizados principalmente nos Estados Unidos, tendo como um dos precursores o linguista William Stokoe. Ainda na década de 60 (séc. XX), Stokoe descreveu a Língua Americana de Sinais como língua natural dos surdos, e, posteriormente, na década de 80 (do mesmo séc.), produziu estudos sobre as relações entre comunidade, cultura, língua e comunicação. De maneira geral, os *Deaf Studies* foram bastante influenciados pelos *Disability*





Studies, definidos como “um campo necessariamente irregular de estudos filosóficos, literários, políticos, culturais, etc., que propõe inicialmente descolonizar e desconstruir o aparato de poder e de saber que gira em torno daquilo que naturalizamos como o outro deficiente”. (SKLIAR, 2003, p. 155).

Nesse sentido, considera-se que a identidade e a alteridade deficiente são invenções, construções históricas, que têm como parâmetro um ideal de normalidade. Nessa perspectiva, não existe deficiência, mas a fabricação dela dentro de um determinado contexto histórico-cultural, ou seja, a questão de ser ou não ser deficiente é muito mais uma retórica cultural do que uma questão biológica. Entretanto, pensar a deficiência como construção cultural não implica em negar a condição física e corporal que ela impõe sobre quem a possui. Pelo contrário, a deficiência é vista como uma marca que tem o poder de situar pessoas dentro de determinados discursos e práticas, e que não reduz seu possuidor somente a ela. (SKLIAR, 2003, p. 165; LOPES, 2007, p. 7). Ou seja, a surdez, assim como outras possíveis marcas, materializa e imprime a alteridade no corpo e nos sentimentos, que constituem os sujeitos que a possuem, funcionando como um elo entre as identidades por demonstrar o que difere o mesmo do outro. (VEIGA-NETO; LOPES, 2006, p. 85).

Não se pode pensar numa única identidade surda, nem nos surdos atrelados somente a essa identidade. Nesse contexto, Skliar (2005, p. 13-14) propõe que se pense em uma política de identidades surdas, a qual transcenda os processos individuais de identificação, fazendo referência a uma política de identidades surdas em que se considerem também outros aspectos, tais como: gênero, etnia, classe social, que influenciam de maneira decisiva nas relações pessoais, sociais e nas formas desses sujeitos interagirem com o mundo.

Muito mais do que criar e produzir artefatos materiais, a cultura significa atribuir significado àquilo que é produzido, *nos* e *com* outros grupos. Essa ideia de cultura – como atribuição de significado e de transformação do mundo – pode ser percebida em definições sobre o que é cultura surda nas obras de autores como Strobel (2009, p. 27), que se baseia na experiência visual e nas condições de acessibilidade necessárias para viver em uma sociedade majoritariamente ouvinte, argumentando e demonstrando os aspectos culturais emergentes no contexto da surdez. Para a autora, cultura surda é “o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”. A autora completa dizendo ainda que, a Cultura Surda “abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”. (STROBEL, 2009, p. 27).

Nesse norte, a forma de perceber a surdez como invenção, como produção cultural e discursiva possibilita pensar o surdo como um sujeito que, ao longo dos séculos foi objeto do discurso médico, patológico e correcional. É papel do curso, desconstruir as ideias equivocadas sobre a surdez e a comunidade surda e dar margem a outras produções discursivas sobre a surdez. Além disso, assim como afirma Gesser (2012) “aprender uma língua cujo canal de comunicação é totalmente alheio e diferente causa um estranhamento aos *olhos* e *mãos* dos ouvintes, e esse estranhamento é ampliado e gravado quando se compartilha a convicção de que os surdos são “deficientes” e “anormais” ou que as línguas de sinais não são línguas.” (GESSER, 2012, p.10).





3.2 Ensino de Línguas e ensino de Libras como L2 para ouvintes

Por serem sistemas linguísticos organizados e portadores de estruturas próprias, as línguas de sinais não tem qualquer relação com mímica ou gestos aleatórios, nem derivam das línguas orais dos países em que estão inseridas. São produto de uma construção sócio histórica das comunidades surdas de todo o mundo, transmitidas por gerações ao longo dos anos. (SKLIAR, 2005; QUADROS 1997; SACKS, 1998). A Libras é uma língua completa, estruturada e com gramática própria, a principal diferença entre a língua de sinais e as línguas orais são os canais de recepção e transmissão. Enquanto nas línguas orais o canal de recepção é a audição, para as línguas de sinais a recepção ocorre através da visão. Na mesma direção, enquanto os ouvintes transmitem suas mensagens através da voz, os surdos utilizam o corpo, o espaço e o movimento para se expressar.

Diferentemente do ensino de outras línguas estrangeiras, o ensino de Libras não exige a utilização das quatro habilidades básicas de leitura, escrita, oralidade e compreensão auditiva. Em função da modalidade da língua, as habilidades exigidas são de *compreensão visual* da língua sinalizada (ou seja, entender o que uma outra pessoa está sinalizando) e *produção sinalizada* (expressar-se em Libras e ser compreendido).

Existem diferentes métodos de ensino de segunda língua que podem embasar o ensino de Libras para ouvintes. Segundo Gesser (2012) O método, é um plano geral de apresentação sistemática de uma língua, baseado em uma abordagem. Por sua vez, abordagem é o conjunto de pressupostos, crenças e princípios teóricos sobre a natureza da linguagem e da aprendizagem. Podemos contrapor duas grandes abordagens de ensino de línguas para melhor entender esta diferenciação. A *abordagem gramatical* baseia-se principalmente na forma, na sintaxe, na fonética, no ensino da gramática propriamente dita. Por outro lado, a *abordagem comunicativa* tem seu enfoque no uso da língua, seus aspectos sociais, psicológicos e culturais. Desta forma, promove a competência comunicativa e linguística de produzir e interpretar uma língua.

O curso de Introdução à Libras e à Cultura Surda, baseou-se na abordagem comunicativa para produzir seu material didático. As videoaulas e os vídeos de vocabulário temático serviram de introdução para que os estudantes chegassem à compreensão dos vídeos de diálogos e produção de frases em Libras, tendo como o enfoque situações de atendimento ao público surdo. Ou seja, o ensino da língua de sinais não se restringiu ao vocabulário temático, mas sim, buscou o uso contextualizado dos sinais aprendidos em simulações de situações reais de atendimento.

A parte teórica do curso, visa contemplar os aspectos sociais, psicológicos e culturais previstos pela abordagem comunicativa, na medida em que discute os temas que mais causam dúvidas e que costumam gerar preconceitos com relação à língua e à comunidade surda, além de quebrar a barreira socialmente construída entre surdos e ouvintes e os medos que estão implicados nesta relação mista de desconhecimento e curiosidade.

3.3 Ensino a distância e Ensino de Libras a distância

A opção por ofertar um curso direcionado aos servidores públicos que atuam nos setores de atendimento, demandou um recorte de temas e atividades focadas na área de atuação destes servidores. Foi necessária a previsão de possíveis situações comunicativas





que envolvem o atendimento de estudantes e servidores surdos, para se aproximar ao máximo os conteúdos das áreas de interesse e os estudantes.

Este direcionamento do curso se aproxima das tendências contemporâneas de uma Educação a Distância mais aberta, diferente dos modelos diretivos, que segundo Belloni (2002, p.154) são regidos pelos princípios da produção industrial onde se implementam pacotes fechados de ensino, baseado na produção em massa de materiais, meramente diretivos e informativos, com pouquíssima interação, sem construção de autonomia e que desconsideram as demandas do público a que se destina.

Ainda segundo Belloni (2002, p.155), a tendência de uma educação aberta em EaD, prima pela flexibilidade na definição dos cursos e carreiras, nos critérios de ingresso e metodologias, bem como, na maior ênfase em situações de aprendizagem. Foca-se, então, na possibilidade de flexibilidade e adequabilidade, no processo mais autônomo e flexível com foco na aprendizagem.

Por se tratar de um curso voltado a um público adulto de servidores, é necessário também, pensar em termos de teorias cognitivas da aprendizagem de adultos, ou seja, andragogia. Toda a preparação do material levou em conta que se trata de um público adulto, que, em sua grande maioria, nunca teve contato com a língua de sinais e com a cultura surda. Este desconhecimento da Libras e do universo cultural dos surdos ficou claro depois da implementação do curso, quando os estudantes participaram do fórum inicial de onde foi proposta uma atividade inicial de sensibilização e de apresentação pessoal.

A atividade consistia em assistir a um pequeno trecho do filme "Querido Frankie" o qual retrata uma situação cotidiana na vida dos surdos. Um menino surdo entra na biblioteca e a funcionária grita com ele, e quando percebe que ele é surdo, continua falando alto e se desculpa, tratando o menino como se estivesse com pena por ele ser surdo. Após assistirem este trecho do vídeo, os alunos foram convidados a responder a alguns questionamentos: "Então, você já vivenciou alguma experiência parecida com esta? Já teve algum contato com surdos? Que reflexões e sentimentos o vídeo provocou em você? Vá até o fórum de discussões e converse com os colegas sobre estas questões. Aproveite também para se apresentar, contar sobre sua atuação profissional, suas expectativas e motivações para realizar o curso de Libras EaD." Em suas participações no fórum, a grande maioria relatou se identificar com a cena, por ter se sentido embaraçado, nervoso e sem saber como agir na presença de um surdo que buscava por algum tipo de atendimento.

Muito mais do que apenas conhecer o perfil dos estudantes, esta primeira atividade introdutória no fórum, tem como objetivo possibilitar situações comunicativas de interação, estimular o sentimento de pertencimento a um grupo com os mesmos desafios e dificuldades cotidianas, bem como, desencadear a identificação com os personagens apresentados de forma a evidenciar a necessidade de aprendizado da Libras e de aprofundamento dos conhecimentos acerca do universo dos surdos para atendê-los de maneira adequada. Por este motivo, esta primeira atividade foi proposta em língua portuguesa, para que todos pudessem expressar suas opiniões e falar sobre suas experiências prévias e suas expectativas com relação ao aprendizado da Libras.

Pensando justamente nestes medos, angústias e desafios para aprender uma língua espaço visual, optamos por garantir que o estudante tivesse acesso a todo o conteúdo teórico do curso em videoaulas com legendadas em língua portuguesa. O mesmo procedimento foi adotado nas webconferências, nas quais houve a participação de uma





tradutora intérprete de Libras que fez interpretação para a modalidade oral da língua portuguesa. Poderia ser questionado se realmente há necessidade de uso da língua portuguesa em curso de língua de sinais, se isso não atrapalharia a vivência da aprendizagem da Libras, entretanto, apontamos o que argumenta Gesser (2012) quando afirma que o uso da versão escrita da língua portuguesa deve ser encarado como ferramenta de aprendizagem pois a escrita da língua materna dos aprendizes ocupa um espaço significativo em sala de aula. (GESSER, 2012, p.117).



Figura 1. Videoaula legendada.

Os vídeos de vocabulário seguiram uma lógica um pouco diferenciada. Optou-se por não fazer a tradução em língua portuguesa, mas sim, a associação entre uma imagem que simbolizava o conceito trabalhado e o sinal, buscando-se não associar o sinal à palavra em língua portuguesa. Em direção ao que diz Cerny (2002), buscamos “avançar no sentido de abertura, flexibilidade e adaptação do programa às necessidades dos alunos, criando conexões com o seu cotidiano e transformando o ensino/aprendizagem num sucesso e investigação permanente.” (CERNY, 2002, p.138). Oferecer o conforto linguístico das informações em língua portuguesa serve para romper com as barreiras de comunicação quando ainda não há condições de acesso ao conteúdo em Libras.





Figura 2. Associação entre sinal e imagem.

Além das aulas teóricas e dos vídeos de vocabulário, foram disponibilizadas diferentes atividades que visaram estimular as duas habilidades básicas necessárias para um aprendiz de Libras: habilidades de receptivas e de produtivas da língua. Para as atividades de compreensão visual, foram elaborados pequenos vídeos onde o aluno traduziria os conteúdos apresentados com aumento gradual de complexidade. Estes vídeos dividiram-se em dois grupos: o grupo de vídeos onde o professor sinaliza diretamente para o estudante e o grupo dos vídeos de diálogos.



Figura 3. Diálogos em diferentes situações comunicativas.

Considerando-se o perfil dos estudantes, todos servidores, e, portanto, trabalhadores com tempos e horários diferentes e muitas vezes restritos, optou-se por oferecer um número maior de atividades autodirigidas, que possibilitassem maior autonomia e maior flexibilidade



nos tempos de realização. Ou seja, predominaram as atividades assíncronas, de postagens de vídeos do próprio estudante sinalizando e tradução de pequenos vídeos de diálogos produzidos pelos professores. Além da postagem dos vídeos como tarefas, também foi estimulada a postagem de vídeos em Libras no próprio fórum para tirar dúvidas e interagir com os professores surdos. Sempre que um estudante tinha dúvidas sobre o vocabulário este era convidado a postar esta dúvida em vídeo e o professor também respondia em forma de vídeo sinalizado. Provocando assim uma maior interação na língua e reduzindo a chamada distância transacional. A ferramenta de questionário também foi bastante utilizada, principalmente para a interpretação dos diálogos, que eram apresentados em forma de vídeos e abaixo constavam questões objetivas sobre os assuntos tratados no vídeo.

As atividades síncronas disponibilizadas foram a webconferência e o chat. Os chats foram ofertados com horários pré-agendados semanalmente, com atendimento de cada um dos três docente para o atendimento simultâneo. Entretanto, o chat foi um serviço pouco utilizado pelos estudantes, que preferiam se manifestar via fórum ou via mensagem privada, diretamente para os professores. As webconferências tiveram uma boa adesão e contaram com a tradução oral de uma intérprete de Libras enquanto os docentes surdos sinalizavam. Foi utilizada a ferramenta externa ao Moodle chamada BigBlueButton, que deu suporte de transmissão de vídeo e áudio enquanto os estudantes faziam perguntas por escrito para a professora mediadora do chat. Esta ferramenta oferece como recurso a gravação da sessão, que pode ser disponibilizada para os estudantes que não puderam participar em tempo real.

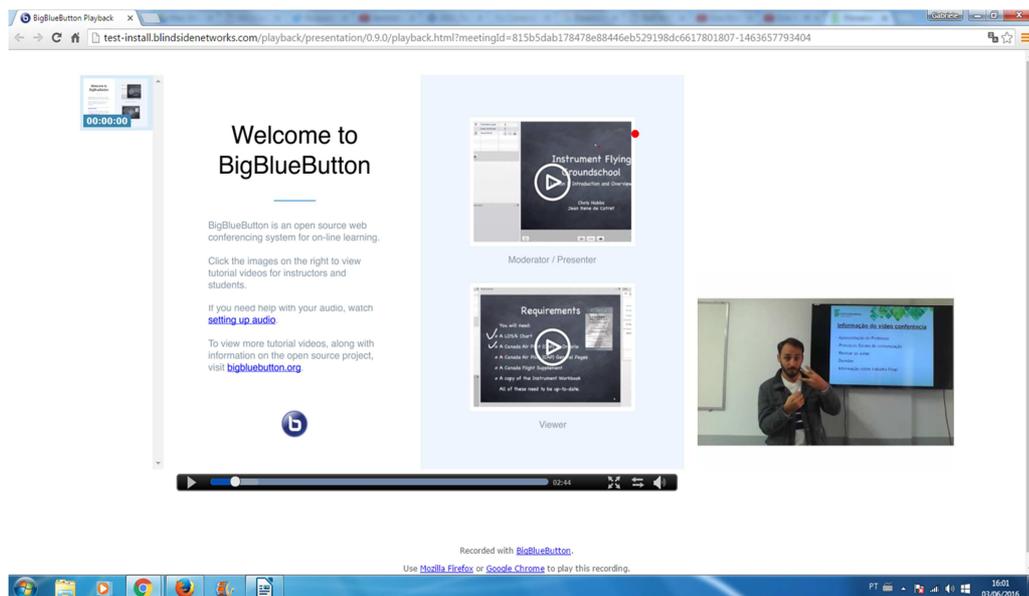


Figura 4. Ferramenta de webconferência BigBlueButton

Durante o planejamento e execução do curso percebeu-se a alteração da função do professor, antes individual, agora coletiva. A equipe docente do curso foi composta por profissionais da área da educação, da linguística e da tradução-interpretação, além do suporte técnico da tecnologia da informação. Optou-se por adotar o modelo baseado na docência compartilhada justamente para dar conta do caráter interdisciplinar do curso e pensar as diferentes dimensões das discussões apresentadas aos estudantes.





Outro dado importante, foi a escolha de docentes surdos para mediar o ensino da língua. Dos três professores conteudistas dois são surdos, o que se aproxima da proposta dos *Disability Studies*, segundo Bisol (2008, p. 20), apontam a necessidade de se enfatizarem as vivências das próprias pessoas com deficiência, pois essas seriam as mais indicadas para falar de sua própria condição e de suas experiências.

4. Discussões dos resultados

Ao refletir sobre as práticas docentes e as estratégias metodológicas utilizadas pode-se chegar à conclusão de que um dos maiores desafios enfrentados, como em qualquer outro curso da modalidade EaD, foi vencer a distância transacional e manter o contato constante com os estudantes do curso, sem poder fazer a mediação em Libras em todos os momentos. A distância transacional, segundo Moore (2013), caracteriza-se pelo espaço psicológico e comunicacional, muito mais do que pela distância física. Alternativa que mostrou-se mais eficiente foi o constante chamamento nos fóruns de discussões de cada unidade, perguntando sobre as dúvidas e instigando a participação de todos. O retorno rápido das postagens das atividades com comentários de *feedback* também contribuiu para uma adesão maior nas atividades e um engajamento consistente por parte dos estudantes.

Devido à ausência de tutores, a docência compartilhada também mostrou-se uma boa alternativa para melhorar a qualidade da interação entre professores e estudantes, especialmente entre docentes surdos e estudantes ouvintes. A presença de professores ouvintes na equipe docente contribuiu muito no aspecto da identificação, pois estes podiam contar suas experiências de aprendizado da Libras sob a ótica de quem também, um dia, não sabia se comunicar com os surdos e tinha os mesmos medos, dúvidas e curiosidades que os estudantes podem ter na atualidade.

Muitos dos desafios elencados por Campos, Lacerda, Santos & Goes (2015) como imagens de qualidade ruim, limitação de vídeos e atividades postadas e, principalmente, carga horária reduzida da disciplina que levaria o ensino da Libras à superficialidade, mostraram-se resolvidas no caso do presente curso. Os vídeos foram postados no youtube, e o link de incorporação inserido no Moodle para não sobrecarregar o ambiente. A ferramenta de videoconferência Big Blue Button possibilitou a transmissão das webconferências em boa qualidade e as postagens dos vídeos por parte dos alunos na ferramenta de tarefa também mostrou-se suficiente nas atividades de expressão em Libras.

A abordagem comunicativa mostrou-se a alternativa mais eficiente para o caso em questão, pois, além de dar conta do ensino da língua focalizado nas necessidades comunicativas do cotidiano dos servidores públicos do IFSC, possibilitou a desconstrução de estereótipos e mitos sobre as línguas de sinais e a Culturas Surda.

5. Considerações finais

Ao final do processo de análise da oferta do curso ficou clara a viabilidade da oferta de cursos de Libras e Cultura Surda na modalidade EaD para melhorar a qualidade do





atendimento aos estudantes e servidores públicos do Instituto Federal de Santa Catarina. Mas para este, e para qualquer outro curso que se proponha a ensinar Libras, deve-se levar em consideração as especificidades do ensino de segunda língua para pessoas ouvintes independentemente da abordagem escolhida. No caso relatado, a equipe baseou-se na abordagem comunicativa para projetar e operacionalizar o curso, pelo fato de esta abarcar os aspectos psicológicos, cognitivos e sociais além do ensino da língua propriamente dito.

A necessidade de constante interação com os professores surdos por meio de vídeos também mostrou-se fundamental para reduzir o que em EaD é chamado de distância transacional. É premente a necessidade de aprimorar esta experiência inicial e aprofundar os estudos para, quiçá, oferecer cursos semelhantes também em outras esferas do poder público federal. A experiência reforça o caráter inclusivo da educação a distância também em processos formativos coletivos e aprendizagens institucionais.

6. Referências

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância mais aprendizagem aberta**. In: BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

BISOL, Cláudia Alquati. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre sexualidade**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento; UFRGS, Porto Alegre, 2008.

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro, SANTOS, Lara Ferreira, LACERDA, Cristina Broglia Feitosa, GOES, Alexandre Morand Goes. **Desafios tecnológicos para o ensino de Libras na educação a distância**. In: Comunicações: Portal Metodista de Periódicos Científicos e Acadêmicos Programa de Pós Graduação em Educação. Dossiê: Teoria Crítica e Educação. V.22 nº 3, 2015.

CERNY, Rosely Zen. **Avaliação da Aprendizagem como processo de comunicação na educação a distância**. In: BELLONI, Maria Luiza. A formação na sociedade do espetáculo. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LOPES, Maura Corsini. **Surdez & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Moore, Michael G.; Kearsley, Greg. **A educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

PERLIN, Gládis. **Identidade Surda e currículo**. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de. Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo, SP: Lovise, 2000.





SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2ª ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corsini. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar.** *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. especial, p. 81-100, jul./dez. 2006.

